

O mundo do texto e a psicoterapia fenomenológico-existencial

DANIEL SOUSA (*)

HERMENÊUTICA

A hermenêutica tem raízes gregas – ἐρμηνεία – que já remete para o interpretar.

A semântica grega sabia já que “dizer qualquer coisa de qualquer coisa, é já dizer outra coisa, interpretar”. A lógica grega assenta na univocidade das afirmações e tende a afastar a diversidade dos sentidos. Por esta razão se despreza a comédia, irónica e mentirosa, em favor da tragédia, que procura a purificação na κῆαρσις. Sófocles contra Aristófanes, o λόγος contra o μῦθος. A *kátharsis* das paixões exprime-se com a clareza que permite realizar a imitação da verdade. Aristóteles introduzirá a temática no seu Περὶ ἐρμηνείας sem resolver aquela contradição.

Durante mais de um milénio a hermenêutica reportou-se à exegese dos textos bíblicos.

A hermenêutica moderna afirma-se no seguimento de Wilhelm Dilthey e Edmund Husserl. O primeiro, salientando uma consciência histórica, propôs uma metodologia válida para as ciências sociais e humanas, animou a discussão entre explicação e compreensão. Husserl, faz do regresso

ao vivido o próprio tema da investigação fenomenológica. Ao introduzir uma contribuição na hermenêutica, salienta a multiplicidade dos sentidos, expressando a necessidade da confrontação entre interpretações.

Martin Heidegger, por seu lado, procurando o fundamento da metafísica, põe a questão do ser na distinção com todo o existente. Da preocupação epistemológica de Dilthey passamos para o domínio ontológico.

Mais perto de nós, há que reter G. H. Gadamer e, sobretudo, Paul Ricoeur, para quem “il n’y a pas d’herméneutique générale, pas de Canon universel pour l’exégèse, mais des théories séparées et opposées concernant les règles de l’interprétation” (Ricoeur, 1969).

A reflexão hermenêutica aponta assim para a ultrapassagem da divergência das hermenêuticas.

HERMENÊUTICA E PSICOLOGIA

A psicologia sofreu a influência das correntes hermenêuticas, fomentando debates interdisciplinares entre as duas áreas de estudo. As controvérsias de hoje mantêm traços das questões acima realçadas. Messe, Sass e Woolfolk (1990) editaram uma obra dividida em três áreas fundamentais: questões metodológicas; hermenêutica ontológica e hermenêutica crítica. A primeira parte da obra aborda, no essencial, explorações teó-

(*) Psicólogo Clínico. Unidade Investigação em Filosofia e Ciências Sociais – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

ricas sobre o método hermenêutico quando aplicado à psicologia e à psicanálise; a ontologia hermenêutica concentra-se menos no papel desempenhando pela interpretação, enquanto método, para se centrar na constituição da existência humana em si mesma; finalmente, a hermenêutica crítica, pretende constituir-se como um espaço aberto de discussão sobre os fundamentos que assistem à construção, tanto das práticas intelectuais, como das instituições sociais (Messer, Sass & Woolfolk, 1990).

Packer e Addison (1989), propõem um conjunto de estudos hermenêuticos em psicologia, que vão da área social, passando pela educacional até à clínica. Nestas áreas, está presente a discussão sobre o objecto de estudo, a origem do conhecimento, o carácter explicativo e os métodos usados. Donde, surge a polémica com o racionalismo, o positivismo, o empirismo e os contrapontos destas áreas, com uma perspectiva hermenêutica em psicologia.

Chegados a este ponto, uma interrogação nos assiste no imediato: o que une estes psicólogos ao longo das obras citadas? Qual a motivação para recuperar as polémicas intermináveis da origem do conhecimento e a discussão sobre os pressupostos e os fundamentos que a psicologia acolheu, desde que se constitui como campo de estudo autónomo, adoptando como modelo, a racionalidade científica? No limite, dir-se-á que o que está em causa é a própria maneira de como o homem se constitui a si mesmo e ao mundo em que vive. Pelo caminho, um desencanto académico pelas vias que a psicologia tem seguido. Não estão em causa as múltiplas investigações que fazem hoje parte da psicologia, mas uma certa maneira de considerar o conhecimento que exclui o homem e a sua subjectividade. A psicologia ao adoptar o método experimental como meio de conhecimento exclusivo, totalitário, abandonou aspectos cruciais como: significado, intencionalidade, desejo, contexto.

Torna-se aliás imperioso recordar outro psicólogo, Jerome Bruner (1986, 1990). Por várias razões. Em *Actual Minds, Possible Worlds* (1986), diferencia dois tipos de conhecimento: o conhecimento paradigmático e o conhecimento narrativo. O primeiro segue uma lógica matemática, própria do pensamento científico, pretendendo, tanto quanto possível, estabelecer um reducionismo que permita desenvolver explicações causais

e prever acontecimentos. O conhecimento narrativo, pelo contrário, estaria direccionado para as “vicissitudes das intenções humanas” (Bruner, 1986). Se o conhecimento paradigmático se preocupa com provas empíricas e com verdades universais, o narrativo, move-se pelos meios da verosimilhança e dos acontecimentos da vida humana. Em *Actos de Significado* Bruner (1990), expõe logo de início, o desalento em relação aos equívocos de uma certa revolução cognitiva, ocorrida no fim dos anos 50: «a ênfase começou a deslocar-se do “significado” para a “informação”, da *construção* de significado para o *processamento* de informação», quando o objectivo inicial era «descobrir e descrever formalmente os significados que os seres humanos criam a partir das suas relações com o mundo e, em seguida propor hipóteses sobre a intervenção dos processos de criação de significado» (Bruner, 1990, p. 17). Estamos em presença da defesa de uma psicologia cultural, assente nas actividades simbólicas que subsistem na criação do sentido, construído pelo homem sobre si mesmo e a sua acção no mundo.

Mas, como dissemos, são várias as razões para invocar Bruner. Ficaram já demarcados dois aspectos: uma crítica aos desenvolvimentos ocorridos na revolução cognitiva que se estende aos momentos actuais da psicologia; a ênfase numa psicologia cultural que tem a interpretação e o significado como pontos centrais para estar concentrada, não tanto em comportamentos, mas na “acção situada”. O autor ajuda-nos também a clarificar outros aspectos. Em primeiro lugar, a delimitação do nosso estudo. Não obstante reclamarmos a hermenêutica como companheira de percurso, estamos em presença de discussões sobre a psicologia e a psicoterapia. Este alicerce tornar-se-á mais importante à medida em que o texto avançar para questões mais directamente ligadas com a hermenêutica e com os debates internos desta. A psicologia mantém-se no nosso horizonte. A mediação desta última parece-nos tanto mais importante, quando estão em causa fundamentações epistemológicas da hermenêutica que, passando pelo crivo do olhar psicológico, pretendem ser submetidas ao campo psicoterapêutico. A psicologia deverá manter-se como vector central dos debates. Finalmente, os trabalhos dos autores citados, reflectem a importância que a her-

menêutica tem *actualmente* para a psicologia e para o futuro que se perspectiva.

Veja-se, a título de exemplo, o número especial do *Psychological Bulletin*, publicado pela American Psychological Association, em Novembro de 2000. Os editores, Eisenberg, Robertson, e Sher (2000), compuseram o número sob uma denominação ambiciosa: *Psychology in the 21st Century*. Os textos passam por várias áreas de estudo da psicologia: da emoção à tomada de decisão, das relações interpessoais à psicoterapia, entre outros. No entanto, o pano de fundo das diferentes investigações é a proeminente preocupação em estabelecer laços cada vez mais fortes com as neurociências, com a biologia, com a genética; ou seja, a psicologia entra no século XXI com o objectivo claro de sedimentar o carácter de racionalidade científica, adaptado às áreas de vanguarda acima citadas. Sobre a psicoterapia referem os autores: «The issues surrounding the next generation of psychotherapy research must find a way to maintain high scientific standards (...).» Genericamente, sobre a psicologia, o postulado é igualmente claro: «Whereas much of the 20th century was a period of division and segregation of intellectual interests, the 21st century promises to be one of convergence and integration» (Eisenberg, Robertson & Sher, 2000). Presumimos que a integração e a convergência a que os autores se referem, estejam directamente ligadas às áreas de futuro que apontam para a psicologia: a biologia, a genética, a neurociência, campos que se movem numa modernidade cientificamente aceite. Como os próprios autores salientam, as escolhas dos temas deste *Psychological Bulletin*, expressam as suas próprias opções e entendimentos sobre a disciplina. Não deixam, no entanto, de ser um reflexo das áreas que a psicologia privilegia para o presente e para o seu futuro, enquadradas por uma reconhecida instituição – American Psychological Association (APA).

Parece-nos agora mais claro, a razão em recordar as preocupações que Bruner expressou a propósito da revolução cognitiva. O contexto não se alterou, pelo contrário, a psicologia *mainstream*, parece apostada em seguir os caminhos que a afastam do homem como ponto principal para a constituição de si mesmo e do seu mundo. Estamos em presença de uma psicologia tecnologicamente armada, de forma a fazer face às exigências que as buscas pela verificação e pela

certeza impõem. Ao que parece, estas só poderão surgir sob a égide de uma psicologia cientificamente articulada com as áreas de ponta acima mencionadas. O Sujeito construtor do sentido, o homem que se move intencionalmente associado ao seu contexto é relegado para o limbo das arcas da subjectividade.

Mas estamos agora muito longe do espectro a que nos propomos seguir nestas linhas. Não é objectivo deste texto refutar as linhas gerais por que se move a psicologia do século XXI, nem ignorar a importância das investigações realizadas nos campos das neurociências ou da genética. O que está em causa é explicitar o contexto actual da nossa disciplina e as atinentes reflexões epistemológicas sobre a mesma. É dentro da actual situação que os autores citados vão desenvolvendo os esforços de articulação entre a psicologia e a hermenêutica. Se o nosso texto não pretende analisar a Psicologia do século XXI, não tem igualmente como objectivo estabelecer uma espécie de história das ideias e das relações entre a hermenêutica e a psicologia. Pretendemos apenas, concentrar em alguns pontos da obra de um dos autores que mais tem contribuído para a ligação entre a hermenêutica e as ciências sociais e humanas: Paul Ricoeur.

São múltiplas as possibilidades de contacto com a hermenêutica ricoeuriana. Por economia de espaço, teremos de fazer escolhas, não isentas de alguns riscos. Vamos abordar, sucintamente, alguns aspectos que se desenvolvem essencialmente na obra *Du texte à la action – Essais d’herméneutique II* (1986). Adiantemos os motivos que nos levaram a reflectir sobre algumas temáticas destes textos. Em primeiro lugar, iremos acompanhar o autor nas suas razões para sustentar uma fenomenologia hermenêutica, longe de uma perspectiva idealista, defendida por Husserl. Seguiremos em paralelo a perspectiva que Ricoeur desenvolve sobre a ontologia heideggeriana. Assentes numa fenomenologia hermenêutica e numa ontologia da compreensão, destacaremos algumas noções fundamentais da obra ricoeuriana: *discurso; mundo; texto; acção*. Através destes tópicos teremos de passar por algumas problemáticas entretanto criadas ao nosso campo de estudo, a saber:

- o afastamento da hermenêutica de uma psicologia de autor;

- e a passagem para o modelo do texto em contraponto ao modelo dialogal.

Ambas as questões, serão acrescentadas com uma discussão, a partir da noção de *mundo do texto* com o objectivo último de estabelecer pontes com o campo da psicoterapia, em particular, com as abordagens fenomenológico-existenciais.

FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA

Em *Du texte à la action* (1986), Ricoeur explicita algo que já tinha iniciado em *Le conflict des interprétations* (1969), uma crítica à fenomenologia de Husserl, na sua versão idealista. Consequentemente, defende um excerto da hermenêutica na fenomenologia, salientando a interdependência entre ambas. Os argumentos tornam-se mais visíveis em *Du texte à la action*, onde Ricoeur expõe cinco teses do idealismo husserliano, às quais acrescenta as antíteses hermenêuticas, de modo a propor a “pertença mútua” entre fenomenologia e hermenêutica. Não abordaremos os argumentos em pormenor. Destacaremos alguns aspectos que nos possibilitarão seguir a hermenêutica proposta por Ricoeur e tornar claro alguns problemas surgidos a partir desta última.

Em primeiro lugar, salientemos a base heideggeriana seguida por Ricoeur. Antes da fenomenologia se preocupar em ter posições radicais, afastando-se de uma perspectiva científica, importa sobretudo, atender ao solo ontológico da compreensão colocado por Heidegger, ultrapassando assim os limites da divisão sujeito-objecto. Ricoeur prefere no entanto substituir o “ser-no-mundo” pela noção de *pertença* ao qual irá contrapor a ideia de *distanciação*. Perceberemos mais tarde que estes dois conceitos serão a base de uma dialéctica desejada entre explicação e compreensão. Por agora importa reter que, primeiro o homem está lançado no mundo, só depois o tenta compreender (*Verstehen*). A relação sujeito-objecto passa a ter um elo ontológico, herdado da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Este aliás poderá ser um dos equívocos de uma leitura estritamente existencial da obra *Ser e Tempo*, isto é, apesar de se aprofundar temas como o ser-para-a-morte, a angústia, entre outros, não é com a intenção de desenvolver uma psicologia existencial mas de relacionar o *Da-*

sein ao real, para além do estrito elo sujeito-objecto. Donde, a questão fundamental é a de *mundaneidade* do mundo, é a condição de habitante do mundo que permite ao *Dasein* desenvolver a tríade: situação-compreensão-interpretação. Antes de qualquer discurso há um ser já lançado, um *estar aí* prévio que desconhece o objecto, um ser que apenas é para compreender. Compreender, antes demais, como compreensão de *possibilidade de ser*.

A primazia da ontologia fundamental sobre a epistemologia e a psicologia do sujeito tem implicações drásticas nestas duas últimas. Destaque-se uma ideia central: *é inacessível o ideal de uma transparência do sujeito a si mesmo*. Este caminho tinha sido já desbravado a partir da leitura realizada sobre Freud e explicitada em *Le conflict des interprétations* (1969). A partir dos mestres da suspeita Marx, Nietzsche e Freud o homem moderno sofre um rude golpe no seu narcisismo que impunha uma “ilusão da consciência de si”. A consciência passa então a ser uma tarefa e não um adquirido. Libertando a fenomenologia do idealismo husserliano, caminho já encetado por Heidegger, Ricoeur vai no entanto propor uma via mais longa, aquela desenvolvida por uma ontologia da compreensão que coloca no *Dasein* o lugar do compreender esse ente que interroga o seu ser. A via longa implica assim um desvio necessário:

«il n'est pas de comprehension de soi qui ne soit médiatisée par des signes, des symboles et des textes; la comprehension de soi concide à titre ultime avec l'interprétation appliqué à ces termes médiatures» (Ricoeur, 1986, p. 33).¹

Este aspecto relaciona-se directamente com outra crítica ao idealismo de Husserl: o equívoco da intencionalidade. Se esta foi o fundamento decisivo apresentado pela fenomenologia herdeira de Brentano, não foi menos importante, segundo

¹ «não há compreensão de si que não seja mediada por signos, símbolos e textos; a compreensão de si coincide, em última análise, com a interpretação aplicada a estes termos mediadores» (Ricoeur, 1986).

Ricoeur, o mal entendido gerado no seio fenomenológico que esqueceu a lição primeira: a consciência de alguma coisa em contraposição à consciência de si. Não está em causa o método descritivo, nem a *époche*, que aliás é entendida como espaço necessário para o homem construir o sentido da sua vivência. A redução reflecte na fenomenologia, a necessidade de distanciação de uma hermenêutica que, tal como a primeira, busca o sentido através da experiência no mundo, por sua vez, não acessível ao conhecer imediato.

A intencionalidade, a grande descoberta da fenomenologia, mantinha-se retida na perspectiva idealista:

«la phénoménologie, qui était pourtant issue de la découverte du caractère universel de l'intentionnalité, n'a pas suivi le conseil de sa propre trouvaille, à savoir que la conscience a son sens hors d'elle-même» (Ricoeur, 1986, p. 59).²

Portanto, até este ponto temos um *Dasein* antecipadamente lançado num mundo, através do qual se poderá compreender enquanto projecto, sempre em aberto enquanto *é*. Estamos inevitavelmente ligados ao mundo por uma pertença indissolúvel. Mas, se para Heidegger o *Dasein* é ele mesmo lugar de manifestação, de um *fazer-ver*, para Ricoeur, será necessário realizar uma mediação pelos signos, pelos símbolos e pelos textos, através de uma dialéctica na qual o homem necessita de se distanciar para se reapropriar da sua ipseidade. A intencionalidade e a própria redução, salientam a necessidade da consciência procurar o sentido fora de si mesma. O círculo hermenêutico nega duplamente o projecto husserliano na busca de uma radicalidade última ou de uma intuição primeira: «tout interprétation place l'interprète *in medias res* et jamais au com-

mencement ou à la fin» (Ricoeur 1986, p. 54).³ O que implica então o desvio proposto?

A tarefa hermenêutica é agora mais clara. Já não se trata apenas de uma interpretação simbólica como o autor propôs nos seus primeiros trabalhos, mas de assumir a despesa de um duplo trabalho: restaurar ambas as dinâmicas do texto. Isto é, restabelecer a estrutura interna do texto e a sua projecção como mundo outro que eu poderia habitar enquanto meu. Deste modo, entramos na noção de *mundo do texto*, que caracterizará a hermenêutica ricoeuriana. Estamos já distantes do idealismo husserliano e próximos de uma interdependência entre a fenomenologia e a hermenêutica, bem como da função que esta última desempenhará na restauração do mundo interno do texto e da projecção deste. Estamos, no entanto, perante uma encruzilhada para o psicólogo e para o psicoterapeuta. Em primeiro lugar, a hermenêutica distancia-se das suas perspectivas românticas, deixando de ter como objectivo uma psicologia de autor. Se a compreensão do ser heideggeriano assenta na *mundanização* do mundo, abandona-se simultaneamente um olhar psicológico desse compreender. A mira do olhar interpretativo é reajustada, já não se trata de compreender a subjectividade do sujeito, mas de perspectivar o trabalho do texto constituído como mundo. Por outro lado, é abandonado o modelo dialogal agora substituído pelo discurso fixado pela escrita. Não é apenas a intencionalidade do sujeito-autor que deixa de ser a preocupação da hermenêutica é também o modelo de diálogo e a sua intersubjectividade que deixa de impor os limites ao discurso tornado texto, então habilitado para a investigação interpretativa. A tarefa hermenêutica proposta por Ricoeur coloca de uma assentada dois desafios à psicologia: a recusa do modelo dialogal e a rejeição da busca de uma intencionalidade do sujeito. Deixemos para já em aberto estas problemáticas às quais voltaremos mais adiante.

² «a fenomenologia, apesar de ter a sua origem na descoberta do carácter universal da intencionalidade, não seguiu o conselho da sua própria descoberta, a saber, que a consciência tem o seu sentido fora de si mesma» (Ricoeur, 1986).

³ «toda a interpretação coloca o intérprete *in media res* e nunca no início ou no fim» (Ricoeur, 1986).

Antes de reflectirmos sobre os problemas criados pela proposta hermenêutica ricoueriana, aprofundemos um pouco mais a noção de mundo do texto e alguns conceitos a este relacionados: acontecimento, discurso e acção. Para Ricoeur, o texto não é apenas uma forma do homem trocar mensagens entre si, mas um meio de comunicação *na e pela* distância. Ao reclamar o texto como espaço primeiro, não se pretende colocar o nó do problema hermenêutico na escrita, teremos de o procurar num primeiro momento no discurso, depois nas oposições fala-escrita e linguagem-escrita, finalmente na noção de obra. O objectivo é trazer à luz o mundo do texto como ponto primordial para o homem perspectivar historicamente a sua experiência, a sua relação ao real. Deste modo, a preocupação fundamental da hermenêutica é passar da noção de texto à ideia de abertura de um mundo, o mundo da obra que se projecta, que se abre, permitindo chegar à compreensão de si.

No entanto, será necessário dar alguns passos intermédios. O primeiro opõe uma linguística da língua a uma linguística do discurso. Ao contrário da linguagem que poderá conhecer movimentos centrífugos sem um fim aparente, através dos códigos de uma língua particular, o discurso possui um traço fundamental de *distanciamento* traduzido na dialéctica acontecimento – significação. Em primeiro lugar, o discurso é entendido como acontecimento porque se realiza temporalmente, enquanto que a língua é virtual e acontece fora do tempo. No discurso alguém fala, um alguém que exprime e, ao fazê-lo, pretende descrever ou representar alguma coisa. Esta característica distingue igualmente o discurso da linguagem, se esta última rodopia em volta do seu sistema lexical, nos quais signos remetem para outros signos, no primeiro, está-se perante a representação de um mundo. Este último é descrito por alguém que fala, e ao falar, exprime-se perante um outro que recebe o discurso, colocando-se novamente a tónica temporal num espaço entre interlocutores que podem prolongar ou suspender o acontecimento do discurso, o mesmo é dizer, o descrever de um mundo.

Não é no entanto o carácter fugaz no tempo que se pretende compreender mas o sentido que pode

permanecer no *dito*. É no sentido que o acontecimento se supera, na articulação significação-acontecimento, está o âmago da problemática hermenêutica. Torna-se assim relevante a uma linguística do discurso uma aproximação à teoria do *actos de discurso*, desenvolvida no essencial por Austin e Searle, e que apresenta três níveis relacionados entre si: nível do acto locucionário, i.e., o acto de *dizer*; o nível do acto ilocucionário, que representa aquilo *fazemos* quando dizemos algo; e o nível do acto perlocucionário que traduz as implicações que criamos no meio, pelo *facto* de termos dito o que dissemos. Se num primeiro momento estamos ao nível proposicional do acto de dizer, este por sua vez, poderá constituir-se como acção no sentido em que podemos assumir uma promessa, promover uma ideia, dar uma ordem, estando já a *fazer* algo (ilocucionário); finalmente, ao realizar uma ordem, ao dar uma indicação, pode-se provocar uma série de reacções, como mau estar, irritação ou, por exemplo, um contentamento pela indicação dada (perlocucionário). O fundamental é ter em conta que os actos de discurso traduzem um reescrever da acção, na medida em que provocam alterações *de facto* na vivência de cada um. O sentido que o discurso pode ter desenvolve-se a diferentes níveis – cognitivo, emocional, interrelacional – não estando apenas circunscrito à empiria da fala humana, pelo contrário, tem uma implicação directa na acção, provocando alterações entre sujeitos e na relação destes com o mundo. Podemos então compreender o primeiro movimento do paradigma textual, assente na dialéctica acontecimento-significação.

Por um lado, o discurso não é apenas linguagem, distingue-se desta por um conjunto de razões que o promovem enquanto acontecimento. Por outro, o acontecimento poderá ultrapassar o carácter fugaz que o caracteriza e ter uma marca de inscrição mais forte na acção humana, pela criação do sentido que surge na *distanciamento* do *dito*, tal como perspectivado pela teoria dos actos de discurso. O discurso é um acontecer dado pelo sentido dele resultante.

Outros passos são ainda necessários para chegarmos à noção primeira de uma hermenêutica textual. Considerar o discurso como obra estruturada. Se a frase é a medida de uma hermenêu-

tica do discurso, a obra permite alargar o problema hermenêutico e constituir-se como um mundo particular, total e finito. Para além do conceito de obra, a distinção entre fala e escrita, permitirá um dos objectivos de Ricoeur para superar a hermenêutica romântica: tornar o texto autónomo da intencionalidade do autor. Pretende-se assim conceder um espaço necessário ao texto, não o limitando a uma perspectiva psicológica, proporcionando-lhe em paralelo, uma distanciação que será reapropriada no acto da leitura, constituindo-se esta como tarefa da interpretação. Renunciado ao objectivo de alcançar a intenção do autor, o texto passa a ser o espaço onde o sujeito se pode compreender perante a obra. Esta traduz-se por um discurso que tem a pretensão de dizer a verdade, de promover a criação intencional de um mundo em directa relação com a realidade – o mundo da vida. O papel da interpretação passa então a ser o de «explicitar la sorte d'être-au-monde déployé devant le text» (Ricoeur, 1986, p. 128).⁴

Vemos agora também porque Ricoeur salientou o conceito heideggeriano de *mundaneidade*. O mundo de Heidegger não é apenas a totalidade dos entes, o ser-no-mundo é a transcendência realizada pelo *Dasein*, o mundo nunca está apenas em face, o mundo “mundaniza-se”. O *Dasein* transcende-se não em relação aos entes mas em direcção ao mundo, entendido enquanto *horizonte de possibilidades do ser-á se interpretar*. É no mundo que o *Dasein* se conhece. O mundo do texto é em si mesmo um mundo, diferente do mundo real e precisamente por ser diferente, pode entrar em confronto com este último, desconstruí-lo, pô-lo em causa. Mas, se o mundo do texto desarruma o nosso mundo real, constitui-se igualmente como um conjunto de possibilidades para a nossa vivência, desvendando horizontes outros para a nossa realidade, refazendo-a, organizando-a. O mundo do texto vai assim intervir na nossa acção, transfigurando-a.

A ACÇÃO HUMANA COMO TEXTO

Com a noção de mundo do texto explicita-se o

⁴ «explicitar o modo de ser-no-mundo exposto diante do texto» (Ricoeur, 1986).

objectivo bem como a área de acção do autor: o texto é o paradigma que permite ultrapassar as limitações da hermenêutica romântica e das dicotomias entre explicação e compreensão, estando assim na base da proposta ricoeuriana para uma hermenêutica geral. Abordemos então alguns aspectos sobre as relações entre as teorias do texto e da acção, de modo a podermos explicar com outro pormenor, os nossos pontos de vista.

A dialéctica explicar-compreender torna-se viável porque a relação entre a escrita e a leitura promove possibilidades não realizadas no diálogo, na dicotomia falar-ouvir. O paradigma textual permite desenvolver uma objectividade de estatuto explicativo, quando assente em quatro características base: capacidade de fixar a significação na escrita; distância em relação à intenção do autor; desenvolve-se através de referências não ostensivas e pelo facto de ser obra em aberto passível de várias leituras-interpretações. O texto, tal como o indivíduo, poder ser apreendido a partir de diferentes perspectivas, estando-se deste modo perante um cenário análogo ao da percepção, onde o vértice de quem vê, implica sempre um olhar particular. Existem sempre perspectivas outras para apreendermos os fenómenos, como existem sempre várias possibilidades, ainda que não ilimitadas, para interpretar um texto. É assim importante relevar o carácter construtivo da leitura ou de um olhar sobre a acção humana, carácter esse que assenta no círculo hermenêutico: o todo influencia as partes e estas o primeiro. Num texto, tal como na acção, as frases, os actos, não têm todos um valor idêntico, fazem parte de um “processo cumulativo e holístico”. As frases e as acções não são agrupados paralelamente em termos valorativos, pelo contrário, são consideradas e perspectivadas de maneira distinta, consoante a força e a importância reconhecidas através de um processo construtivo, um jogo entre o todo e as partes.

Esta questão remete aliás para um outro par vincutivo: conjecturar-validar.

Numa hierarquização de interpretações de textos ou de acções, estamos perante uma “lógica da probabilidade subjectiva”, e se no círculo hermenêutico, onde o intérprete é sempre colocado *in media res*, o primeiro movimento passa pelo conjecturar das partes (frases/acções), não assumindo estas em relação ao todo (texto/indivíduo), um carácter estático e definitivo. O texto, tal como o sujeito, constrói-se, não é dado por

uma sucessão de frases ou de acções. Se não existem regras boas e previamente estabelecidas para a criação de conjecturas, existem no entanto, procedimentos de validação apropriados. A validação de uma interpretação não passa por uma verificação empírica mas por uma lógica «da incerteza e da probabilidade qualitativa» que está subjacente à dialéctica conjecturar-validar. Não estamos assim no universo da verdade empírica, da relação causa-efeito, mas no âmbito de disciplinas onde a validação das conjecturas criadas, decorrem de processos argumentativos. Não quer isto dizer que todas as interpretações têm o mesmo valor, ou que um texto tem possibilidades ilimitadas de interpretação. O texto enquanto totalidade, limita o âmbito e as possibilidades de interpretação, o mesmo acontecendo com as acções humanas. Estas, possuem também um contexto, uma amplitude limitada e circunscrita, análoga à semântica de um texto. Há multiplicidade de significações possíveis da acção, contrapõe-se uma finitude de construções possíveis, diríamos, verosímeis.

Entre uma multiplicidade particular do texto e uma pluralidade semelhante da acção humana, Ricoeur invoca novamente aspectos da teoria da acção, nomeadamente, aqueles que relacionam as dimensões intencionais e motivacionais da acção. Esta é compreendida quando à questão *o quê?* acresce a resposta à pergunta *porquê?* A intencionalidade, expressa em desejos e crenças, manifesta-se não apenas pela intensidade do agir, como também pelo sentido que lhe está inerente. Daí o autor propor que a acção humana pode ser compreendida a partir da motivação, da intenção do sujeito, podendo estas serem objecto de uma lógica argumentativa que explica a acção, colocando-a num espaço propício ao conflito de interpretações.

A partir daqui cumpre-nos clarificar alguns pontos. Como ficou explícito, o nosso interlocutor está em diálogo com uma tradição de longos pergaminhos, tentando desenvolver a sua proposta hermenêutica, longe das preocupações psicológicas, ao contrário deste texto. Por outro lado, como é sabido, Ricoeur aplicou o seu paradigma textual à ideia de “acção sensata” de Max Weber, com intuito de demonstrar como é que uma teoria do texto está directamente relacionada com uma teoria da acção e, sobretudo, para explicitar como é que em seu entender a meto-

dologia da interpretação dos textos é um paradigma adequado ao objecto das ciências humanas. Não é este o nosso ponto de discussão. Não pretendemos debruçarmo-nos sobre aspectos metodológicos de investigação, apenas reflectir sobre o espaço de encontro terapêutico. Se a discussão metodológica está fora do âmbito deste texto, está igualmente excluída a controvérsia que se poderia desenvolver entre as hermenêuticas de Ricoeur e Gadamer, já que este último ao contrário do primeiro, assenta a sua perspectiva de interpretação exactamente no diálogo e não no texto. Tentar-se-á reflectir sobre o paradigma textual de Ricoeur a partir do interior deste.

O MUNDO DO TEXTO E A PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

O cerne do assunto para nós está no campo psicoterapêutico. Poderíamos sintetizar numa questão: *como é que a fenomenologia hermenêutica ricoeuriana, assente no paradigma textual, pode trazer vantagens e pontos de contacto com a abordagem fenomenológico existencial em psicoterapia?* Acrescem as duas problemáticas acima adiantadas: a recusa do modelo dialogal e a rejeição da busca de uma intencionalidade do sujeito.

Parece-nos importante sugerir agora o psicólogo mediador antes de entrarmos nos argumentos de âmbito propriamente psicoterapêutico. Retomemos então a psicologia de cariz cultural, proposta por Jerome Bruner, para quem o conceito central é o de *significado*. O sentido da existência humana é construído a partir da experiência e dos estados intencionais do sujeito, assentes em sistemas simbólicos da cultura que desenvolvem processos de interpretação da vida em comum, o que se poderá designar de psicologia de senso comum. Dir-se-á que a psicologia cultural de Bruner põe o homem-no-mundo. É a participação *na* e *através* da cultura que proporcionará ao sujeito constituir os seus estados intencionais. A sua vivência torna-se assim partilhada e pública pelo que a interpretação está no mundo e não no ser isolado. Uma psicologia com as presentes preocupações não deixará de lado o que a psicologia científica descarta facilmente: o desejo, a crença, a intenção, o compromisso. Estes últimos têm sido sistematicamente excluídos da “boa psicologia” por não conterem uma premissa indispen-

sável: um estatuto explicativo. Segundo Bruner, este aspecto deve-se à desconsideração com que a subjectividade da experiência humana é olhada e que se traduz na desconfiança com que encaramos o que as pessoas *dizem*, em contraponto ao que as pessoas *fazem*. A psicologia cultural centrada no significado da experiência humana dará atenção não apenas ao que as pessoas *fazem*, mas também ao que *dizem* ser as razões que as levaram a ter ou não ter determinadas *acções*, bem como, ao que as pessoas *dizem* sobre os outros e das *acções* destes e, «ao que as pessoas dizem ser os seus mundos» (Bruner, 1990, p. 27). A questão primordial para essa psicologia não é tentar prever ou verificar a veracidade dos comportamentos humanos, mas em se mover pelos estados intencionais que se traduzirão na “acção situada” dos sujeitos.

Numa linguagem ricoeuriana, diríamos que segundo Bruner, existe uma unidade fundamental na dialéctica dizer-fazer. O conhecimento narrativo proposto pelo autor não se preocupa com explicações causais nem com provas empíricas. Direcção para a intencionalidade, para as «vicissitudes das intenções humanas», move-se pelos meios da verosimilhança. Este aspecto permite-nos sugerir uma relação directa com a dialéctica referida por Ricoeur: o conjecturar e o validar da acção humana, acima descritas. As relações entre causa-efeito e intenção-acção, implicam lógicas distintas. Na primeira pode-se identificar e distinguir os aspectos prévios que implicarão consequências, Ricoeur dá mesmo um exemplo muito simples: se um fósforo pode ser causa de uma explosão eu posso definir o primeiro sem referir a segunda. Já não posso compreender uma acção se a separar da sua intenção, como explicitado pelas relações entre as perguntas *o quê?* e *porquê?*

Parecem-nos claros os pontos de contacto desta psicologia com a fenomenologia hermenêutica de Ricoeur. Vejamos então como estas, no nosso entender, estão intimamente relacionadas com as premissas das abordagens fenomenológica-existenciais do encontro psicoterapêutico.

Começemos por uma das bases de Ricoeur: a ontologia heideggeriana. As abordagens fenomenológico existenciais em psicoterapia, identificam-se com a noção desse *Dasein* que, mesmo antes de se compreender já está *aí*, lançado no mundo. Essa abertura que constitui o *Dasein*, on-

de ele caí do interior de si mesmo, presume um afastamento angustiante, ou seja, não são os entes intramundanos que angustiam o *ser-aí*, é o mundo enquanto “mundaneidade” que angustia o *Dasein*, é o próprio ser-no-mundo que é angústia, solitário, entregue apenas a si, *ek-siste* estranhamente num mundo que não é sua casa, mas sim um desenraizamento. A tríade situação-compreensão-interpretação segue uma lógica extensível ao espaço terapêutico, mas como afirma Ricoeur, o homem não tem apenas uma situação, ele tem e vive um mundo. Sempre já lançado, ele terá de constituir a consciência como tarefa. A via longa ricoeuriana parece-nos claramente relacionada com o espaço a dois no qual o próprio conhecer é tarefa, diríamos, de uma interceptação de textos que se cruzam. Mas avancemos passo a passo.

A oposição entre diálogo e texto. Ao explicitar o seu paradigma textual, Ricoeur facilita a compreensão da importância da própria linguagem, ou se quisermos, da relevância de uma linguística do discurso na qual assenta a relação terapêutica. Senão vejamos. A questão fundamental do discurso é ter um traço de distanciamento traduzido na dialéctica acontecimento-significação. As quatro características que distinguem esta linguística do discurso são no fundo uma boa descrição do espaço terapêutico: realiza-se temporalmente; alguém fala; ao falar descreve, exprime um mundo; ao exprimir-se fá-lo perante um outro. Estes quatro pontos são inerentes à relação intersubjectiva, mais ainda, importa aqui referir que não é o carácter fugaz da fala humana que parece ter maior peso, mas tal como defendido na teoria dos actos de discurso, é o que permanece no dito que permite criar o sentido aos acontecimentos do discurso. Os diferentes níveis (locucionário, ilocucionário e perlocucionário) traduzem a inscrição do discurso enquanto actos que têm um impacto real na acção das pessoas, influenciando-as cognitivamente, inter-relacional e emocionalmente. A diferença entre linguagem e discurso assenta na possibilidade deste se tornar acontecimento marcante pelo facto da distanciamento do *dito* lhe dar um sentido.

A teoria dos actos de discurso parece realçar as preocupações da psicologia cultural de Bruner que não descarta a relação entre o que as pessoas *dizem* e o que *fazem*. Nesta dialéctica, poderemos ter um caminho privilegiado para o significado da experiência humana, para a acção situa-

da no mundo. Esta relação entre o dizer e o fazer tem directas implicações com o espaço terapêutico. O que é falado na intersubjectividade do diálogo, tem certamente uma inscrição relacional da ordem do *dito* da teoria dos actos de discurso, marcando e assinalando um percurso intrínseco e circunscrito à relação entre os dois sujeitos, mas que é também referente ao mundo expresso na narrativa e aos personagens desta. A linguagem entendida como discurso tem um efeito exponencial na relação, as proposições ultrapassam-se a si mesmas, para além do acto estritamente proposicional, marcam e delimitam o espaço de acontecer entre os dois sujeitos. Pensamentos, cognições, emoções, sonhos, devaneios, são inscritos num percurso e como que fixados em pontos específicos de tempo do espaço relacional, como se de um texto fixado pela escrita se tratasse.

Por outro lado, o mundo dito é o da experiência encarnada. Essa aliás é uma das conclusões retiradas a partir da leitura de Freud, a relação directa entre desejo e fala. Não existe uma vivência que não peça para ser dita, expressa no último Heidegger: «A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem» (Heidegger, 1947/1987, p. 31). Se o *Dasein* está ontologicamente distante e onticamente próximo de si mesmo, nem por isso esta diferença, esta falta em relação a si mesmo, o deixa de impelir a preencher os espaços vazios colocados por uma experiência que “pede para ser dita”. Mas se a teoria dos actos de discurso, do qual o paradigma textual se socorre enquanto modelo simultaneamente explicativo e compreensivo, a teoria da acção, outro alicerce seu, permite igualmente conexões estreitas como o espaço terapêutico. Que retiramos nós da conjugação entre texto e acção?

As acções também se destacam do sujeito enquanto actos que deixam uma inscrição, tanto na experiência deste, como naqueles com quem ele se relaciona. As acções humanas deixam cunhos, delimitam e sinalizam o curso dos acontecimentos da história e das estórias nela envolvidas. Neste sentido, a acção contém inclusivamente uma independência em relação às intenções iniciais de quem as provocou, uma autonomia análoga à identificada na semântica de um texto. Com uma autonomia própria, marcando um percurso de acontecimentos, as acções são um espaço publicamente partilhado, aberto à confrontação das interpretações. Obras em aberto, disponíveis ao

olhar de diferentes “leitores”. No inverso, dir-se-á que os textos nada mais abordam senão o mundo da acção humana, como bem expresso na teoria da tragédia de Aristóteles: o *muthos* da tragédia, as fábulas, as intrigas, mais não são de que uma *mimèsis*, ou seja, a representação criativa e construtiva da acção humana. É pela significação da acção que esta se destaca do acontecimento da acção, o mesmo é dizer, é a «c’est sa structure noématique qui peut être fixée et détachée du processus d’interaction et devenir un objet interprété» (Ricoeur, 1986, p. 215).⁵

Para se compreender essa estrutura parece fundamental para Ricoeur estarmos atentos a outro aspecto da teoria da acção, aquele que destaca o carácter *intencional* e motivacional da acção. A acção humana, neste sentido, e tal como defendido por Bruner, poderá ser compreendida a partir dos actos intencionais do agentes que se movem no espaço mundo partilhado. Daí termos de relacionar à pergunta *o quê?* a exploração de um *porquê?* Aos quais acrescentaríamos a partir de um olhar fenomenológico do espaço terapêutico um *como?* Como vivenciou este ou aquele aspecto. Podemos assim, longe de uma lógica da estrita causalidade e do seu efeito, tentar compreender a partir da intencionalidade, as acções humanas.

O paradigma textual da fenomenologia hermenêutica ricoeuriana acaba por ter estreitas relações com as dinâmicas do espaço terapêutico. Julgamos que a noção *mundo do texto* simboliza magistralmente as intersecções referidas. Nele estão contidos os traços fundamentais. Uma distanciação que permite ao sujeito reapropriar-se a partir de um mundo expresso, enquanto obra em aberto. Também nos textos terapêuticos o mundo neles contidos, estão em directa relação com a realidade – o mundo da vida (*Lebenswelt*). A relação terapêutica, sem caminhos previamente estabelecidos, constitui-se como espaço de construção entre sujeitos que se colocam numa posição propícia para perspectivar *o horizonte de possibilidades do ser-aí se interpretar*. Um inter-

⁵ «estrutura noemática da acção que pode ser fixada e destacada do processo de interacção e tornar-se objecto interpretativo» (Ricoeur, 1986).

pretar que é feito a partir de uma co-narrativa, com uma dinâmica interna e que se projecta nesse espaço intersubjectivo relacional, como mundo outro. Este mundo, tal como proposto por Ricoeur, simultaneamente diferente e semelhante, à realidade quotidiana de um *Dasein*, permite a este colocar-se perante espaços eventualmente habitáveis por ele. É neste sentido que o mundo do texto assim compreendido, também na relação terapêutica, desvenda horizontes outros, des-contruindo e construindo o nosso real, intervindo na acção. Tal como acima referido, o mundo do texto intervém na acção transfigurando-a.

A teoria fenomenológica-existencial em psicoterapia tem insistido numa perspectiva relacional, em vez de um olhar estritamente isolado da existência humana. Esta última poderia ser espelhada na simples frase de Lyotard (1954): «O mundo é, deste modo negado como exterioridade e afirmado como ambiente, o Eu é negado como interioridade e afirmado como existente.» Se a análise do *Dasein* passa pela exploração dos seus dilemas centrais – a angústia, a escolha, a liberdade, o sentido, a temporalidade – não deixa de ser fundamental a maneira como as suas respostas se posicionam em relação à totalidade do seu mundo. Como refere Spinelli (1997), «whatever the response, however, what is significant is that the response itself expresses the stance we take toward our relations with the world». Neste sentido o modelo fenomenológico-existencial assenta numa exploração clarificadora do ser-no-mundo e das suas contradições, das suas angústias tal como firmado na noção de *self-construct* (Spinelli, 1997). Neste conceito, o autor engloba os nossos valores, atitudes em relação a nós e aos outros, aspirações, a história que nos faz distinguir enquanto individualidade encarnada de estar no mundo, muitas vezes, vivenciada sem questionamento. Esta exploração do ser-no-mundo, acrescentamos nós, pode assentar na dialéctica conjecturar-validar, tal como defendida por Ricoeur. Na relação terapêutica, os dois sujeitos são eles mesmo dois intérpretes, colocados *in media res*, perante o texto-narrativa que se abre entre eles. Também aqui, o primeiro movimento passa por conjecturar as partes (frases/acções) em relação ao todo (texto/indivíduo), sem assumir um carácter definitivo. A lógica da conjectura-validação decorre de um processo construtivo, no qual as partes e o todo se vão influenciando perma-

nentemente, não através de uma mera sucessão ou sobreposição cronológica, mas sobretudo, a partir de uma probabilidade subjectiva, sempre circunscrita à multiplicidade de significações possíveis dos actos de discurso.

O desafio que o modelo fenomenológico-existencial defende que seja colocado ao *self-construct* da pessoa, parece-nos estar em plena conformidade com a dialéctica conjecturar-validar, tal como descrita por Ricoeur. Por outro lado, o *self-construct*, tal como explicitado, está em directa relação com a noção de mundo, primordial no contexto de psicoterapia fenomenológico-existencial. O mundo é conceito central que não decorre apenas de questões teóricas. Se por um lado, o mundo criado entre os dois sujeitos é em si mesmo particular, por outro, o terapeuta existencial não exclui todas as dimensões incluídas no mundo “lá de fora” que fazem parte integral da vivência da pessoa. Num certo sentido, há mesmo uma tónica no «bring the world back into the consulting room» (Spinelli, 2002). As relações interpessoais são aspecto fundamental para expressar o *ser-aí* do sujeito, a forma única como ele o habita, vive e experiência as suas próprias idiossincrasias, os outros, o mundo.

Neste sentido é muito importante salientar que a psicoterapia fenomenológico-existencial passa por um processo de construção, os texto-narrativa expressam-se como obra em aberto, diríamos numa linguagem ricoeuriana, pretende-se explicitar o modo de ser-no-mundo exposto *diante* do texto. Se o *Dasein* transcende-se não em relação aos entes mas em direcção ao mundo, este constitui-se como *horizonte de possibilidades do ser-aí se interpretar*. No contexto terapêutico, a *mundaneidade* do mundo é crucial para o entendimento da tríade situação-compreensão-situação. Este mundo perspectivado perante o “texto” poderá assim intervir na nossa acção, transfigurando-a, colocando o indivíduo numa dialéctica de pertença e distanciação que lhe permite reconstruir a sua ipseidade.

Importa aqui invocar a noção de *ancoragem* proposta por Frederico Pereira (2001). Ao referir-se à relação em contexto psicanalítico, salienta a importância desempenhada pela *função de ancoragem* que ocorre entre os textos do analista e do analisando. Os dois textos, entrelaçados um no outro, diríamos nós, com uma lógica de validação intrínseca e própria da totalidade realizada

por ambos, permite que a função de ancoragem estabeleça limites de modo a que as possibilidade de interpretação não caíam numa pura deriva semiótica. Como afirma Ricoeur, «um texto é quase um indivíduo», se este para além de uma situação tem sobretudo um mundo, também a acção humana, tal como um texto, é um campo limitado de construções possíveis para a sua interpretação. Também na relação psicanalítica, interpretar um texto é sobretudo criar e construir textos outros dos quais o sujeito pode perspectivar outras possibilidades, sobre si mesmo, os outros e o mundo. Estamos assim ao nível de construção do sentido. Ao reconstruírem narrativas, analista e analisando, criam outras narrativas, traduzindo-se assim o processo hermenêutico como um alargamento de perspectivas (Pereira, 2001).

É por isso que há por nós uma passagem particularmente importante em *Du texte à la action* para percebermos a estreita ligação entre a fenomenologia hermenêutica de Ricoeur com o espaço terapêutico:

«Ce qui paraît légitimer cette extension de la conjecture du domaine des textes à celui de l'action, c'est le fait que, en argumentant au sujet de la signification d'une action, je mets mes désirs et mes croyances à distances et les soumetts à une dialectique concrète de confrontation avec des points de vue opposés. Cette manière de mettre mon action à distance afin de rendre raison de mes propres motifs ouvre la voie à la sorte de distanciation qui se produit dans le cas de ce que nous avons appelé l'inscription sociale de l'action humaine (...). Si nous sommes justifiés à étendre à l'action le concept de "conjecture", pris pour synonyme de *verstehen*, nous sommes également autorisés à étendre au champ de l'action le concept de "validation", dont nous avons fait un équivalent de l'*erklären*.» (Ricoeur, 1986, p. 228).⁶

DISCUSSÃO

A fenomenologia hermenêutica proposta por Ricoeur, parece-nos, em estreita relação com espaço terapêutico, em particular com as abordagens fenomenológico-existenciais. O mundo do

texto, concentra em si um conjunto de conceitos que salientam essa ligação, não apenas com uma psicologia centrada no sujeito construtor de sentido, mas também, com uma perspectiva terapêutica que privilegia a compreensão do modo do sujeito se posicionar no mundo. As problemáticas entre explicação e compreensão, ultrapassadas na proposta do paradigma textual, encontra a sua analogia na dialéctica conjecturar-validar, quando transposto o modelo do texto para a noção de acção humana. Estas questões, possibilitam a extensão da presente reflexão, a realizar em contextos próximos, e que incidirão sobre outras áreas da obra ricoeuriana, desenvolvidas em *Soi même comme au outre*, particularmente, a noção de identidade narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles (2004). *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Boss, M. (1963). *Psychoanalysis and Daseinsanalysis*. New York: Basic Books.
- Bruner, J. (1986). *Actual Minds, Possible Worlds*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bruner, J. (1990). *Actos de Significado*. Lisboa: Edições 70.
- Bruzina, R., & Wilshire, B. (Eds.) (1982). *Phenomenology: dialogues and bridges*. Albany: State University of New York Press.
- Cohn, W. H. (1997). *Heidegger and the roots of existential therapy*. London: Sage Publications.
- Cooper, E. D. (1990). *Existentialism*. Oxford: Blackwell Publishers.

⁶ «O que parece legitimar esta extensão da conjectura do domínio dos textos ao da acção é o facto de que, ao argumentar acerca da significação de uma acção, eu coloco os meus desejos e as minhas crenças à distância e submeto-os a uma dialéctica concreta de confrontação com pontos de vista opostos. Este modo de pôr a minha acção à distância, a fim de tomar consciência dos meus próprios motivos, abre caminho à espécie de distanciação que se produz no caso daquilo a que chamamos a inscrição social da acção humana (...). Se estamos justificados ao estender à acção o conceito de "conjectura", tomada como sinónimo de *verstehen*, estamos igualmente autorizados a estender ao campo da acção o conceito de "validação" que nós tornámos equivalente do *erklären*.» (Ricoeur, 1986)

- Daniel, M., & Embree, L. (Eds.) (1994). *Phenomenology of the cultural disciplines*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Deurzen, V. E. (2002). *Existential counselling & psychotherapy in practice*. London: Sage Publications.
- Dilthey, W. (2002). *Psicologia e Compreensão* (trans. A. Mourão). Lisboa: Edições 70.
- Downing, J. N. (2000). *Between Conviction and Uncertainty. Philosophical guidelines for the practicing psychotherapist*. Albany: State University of New York.
- DuPlock, S. (1997). *Case studies in existential psychotherapy and counselling*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Eisenberg, N., Lynn, C. R., & Sher, J. K. (2000). Introduction to the Special Issue: Psychology in the 21st Century. *Psychological Bulletin*, 126 (6), 803-805.
- Gadamer, H. G. (1960/2003). *Truth and Method*. New York: Seabury Press.
- Gadamer, H. G. (1976). *Philosophical Hermeneutics*. Los Angeles: University of California Press.
- Heidegger, M. (1927/1962). *Being and Time*. Oxford: Basil Blackwell.
- Heidegger, M. (1947/1987). *Carta sobre o humanismo*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Heidegger, M. (1987/2001). *Zollikon Seminars*. Evanston: Northwestern University Press.
- Hersch, L. E. (2003). *From philosophy to psychotherapy. A phenomenological model for psychology, psychiatry and psychoanalysis*. Toronto: University of Toronto Press.
- Hoeller, K. (Ed.) (1990). *Readings in existential psychology & psychiatry*. New Jersey: Humanities Press.
- Husserl, E. (1950/2001). *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Husserl, E. (1950/2001). *Meditações Cartesianas. Introdução à Fenomenologia*. Porto: Rés.
- Lyotard, J. F. (1954). *A Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Martin, J., & Sugarman, J. (2001). Interpreting Human Kinds – Beginnings of a Hermeneutic Psychology. *Theory & Psychology*, 11 (2), 193-207.
- Martin, J., & Sugarman, J. (2001). Interpreting Human Kinds – Beginnings of a Hermeneutic Psychology. *Theory & Psychology*, 11 (2), 193-207.
- May, R. (1983). *The discovery of Being*. New York: W. W. Norton & Company.
- May, R., & Schneider (1995). *The psychology of existence – an integrative, clinical perspective*. New York: McGraw-Hill.
- May, R., Angel, E., & Ellenberger, F. H. (Eds.) (1967). *Existencia. Nueva dimensión en psiquiatria y psicología*. Madrid: Editorial Gredos.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Éditions Gallimard.
- Messer, B., Sass, A. L., & Woolfolk, L. R. (Eds.) (1990). *Hermeneutics and psychological theory*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Packer, M. J., & Addison, R. B. (Eds.) (1989). *Entering The Circle – Hermeneutic Investigation in Psychology*. New York: State University of New York Press.
- Pereira, F. (2001). *Verdad y Certeza en Psicoanálisis: la espiral hermenéutica in Anuario Ibérico de Psicoanálisis VII – Verdad y Certeza en la Realidad psíquica y en la clínica psicoanalítica*. Madrid: Sociedad Española de Psicoanálisis.
- Ricoeur, P. (1965). *De l'interprétation – Essais sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil.
- Ricoeur, P. (1969). *Les conflits des interprétations – Essais d'hermeneutique*. Paris: Éditions du Seuil.
- Ricoeur, P. (1981). *Hermeneutics and the human sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ricoeur, P. (1986). *Du texte à l'action – Essais d'hermeneutique II*. Paris: Éditions du Seuil.
- Ricoeur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil.
- Saks, R. E. (1999). *Interpreting Interpretation. The limits of hermeneutic psychoanalysis*. New Haven: Yale University Press.
- Sartre, J. P. (1939). *Esquisse d'une théorie des émotions*. Paris: Éditions Gallimard.
- Sartre, J. P. (1943). *L'être et le néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Éditions Gallimard.
- Silvern, L. E. (1990). A Hermeneutic Account of Clinical Psychology: Strengths and Limits. *Philosophical Psychology*, 3 (1), 5-23.
- Spinelli, E. (1989). *The interpreted world. An introduction to phenomenological psychology*. London: Sage Publications.
- Spinelli, E. (1994). *Demystifying Therapy*. London: Sage Publications.
- Spinelli, E. (1997). *Tales of Un-knowing. Eight Stories of Existential Therapy*. New York: New York University Press.
- Spinelli, E. (2002). The therapeutic relationship as viewed by existential psychotherapy: re-embracing the world. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 32 (1), 111-118.
- Valle, S. R., & Halling, S. (Eds.) (1989). *Existential-Phenomenological perspectives in psychology*. New York: Plenum Press.
- Yalom, D. I. (1980). *Existential psychotherapy*. New York: Basic Books.

RESUMO

A fenomenologia hermenêutica tal como proposta por Paul Ricoeur é objecto de análise, em particular, a sua raiz heideggeriana e a noção de mundo do texto. Dois problemas são colocados ao terapeuta; o afastamento do modelo dialogal e a recusa da hermenêutica

de uma psicologia do sujeito. O paradigma textual é então exposto em analogia com a acção humana, englobando uma resposta à problemática entre explicação e compreensão. Os contributos do autor são colocados em discussão com uma psicologia de cariz cultural, defendida por Jerome Bruner, e, com o campo psicoterapêutico, nomeadamente, com as abordagens fenomenológico-existenciais.

Palavras-chave: Fenomenologia, hermenêutica, Ricoeur, psicoterapia, fenomenologia-existencial.

ABSTRACT

Hermeneutical phenomenology as put forward by

Paul Ricoeur is subject to analysis, mainly when it comes to its heideggerian roots and the notion of the world of text. The therapist is therefore confronted with two problems: moving away from the dialogue model and refusal of hermeneutics to accept a psychology of the subject. The textual paradigm is then compared with human action thus encompassing a response to the problem posed by explanation versus understanding. The author's contributions are compared against Jerome Bruner's cultural psychology and psychotherapy, namely against existential-phenomenological approaches.

Key words: Phenomenology, hermeneutics, Ricoeur, psychotherapy, existential phenomenology.